

Novo Congresso chega para mudar imagem

Os 503 deputados e 31 senadores (um terço do Senado) que tomam posse hoje à tarde, numa sessão presidida pelo deputado Ulysses Guimarães, o decano dos parlamentares com 11 mandatos sucessivos, têm uma tarefa histórica: mudar a imagem do Congresso, a instituição mais desacreditada junto à opinião pública. Quando inaugurou a Constituinte, há quatro anos, Ulysses desembarcava na Casa sentado em 600 mil votos. Agora, retornou reunindo escassos 50 mil votos, menos de dez por cento da sua eleição anterior, e ficará na cadeira da presidência apenas por algumas horas, simbolicamente, uma vez que foi derrotado dentro do seu partido para voltar ao posto. Este é um atestado eloquente do desgaste do Parlamento.

Apesar da grande renovação provocada pela eleição de 3 de outubro — mais de 66 por cento —, outros números chamam a atenção para o pouco caso que o eleitor faz do Parlamento brasileiro: mais da metade dos 83 milhões de eleitores não votaram nos novos congressistas que, juntos, acumulam um total de 38 milhões 882 mil 282 votos. O total de votos nulos e brancos para a eleição proporcional chegou a atingir 50 por cento em alguns estados.

Ontem, enquanto o plenário apresentava um clima melancólico de final de festa, com a massa de não-reeleitos abandonando a cidade, nos bastidores acontecia uma guerra nunca vista entre os partidos pelas posições na Mesa Diretora. A disputa foi cargo a cargo, demonstrando concretamente a nova força da Casa: há muito poder a ser exercido de acordo com a nova Constituição, que ainda permanece incompleta e imperfeita. A guerra pelos cargos da Mesa antecipa batalhas mais sangrentas que serão travadas pela conquista das presidências e relatorias das comissões técnicas. Muitas leis serão aprovadas pelos membros dessas comissões, sem a necessidade de exame em plenário.

A Constituição, juntamente com as novas regras que hoje viram do avesso a economia

do País, será um dos principais assuntos deste novo Congresso. É provável que a revisão constitucional, marcada para outubro de 1993, seja antecipada em, no mínimo, um ano, quando também haverá a escolha do sistema de governo. O Congresso voltará a ter poderes constituintes tal qual o que saiu ontem, batendo todos os recordes de impopularidade.

Uma marca que este novo Congresso não perderá são suas relações com o Governo — quase sempre subalternas. O PRN, partido do presidente Fernando Collor, elegeu apenas 45 deputados. Mas, segundo levantamentos de empresas de consultoria, existe um contingente de 301 parlamentares, dispersos em 11 siglas diferentes, com definição ideológica pouco clara. Este novo Centrão desorganizado tem uma potencialidade aterradoradora: a tendência para o fisiologismo desenfreado. A esquerda ideológica, representada por cinco partidos, aumentou sua representação, passando de 90 para 120 deputados. Ainda é minoria, mas fará mais barulho. A direita ideológica é maior: tem 165 representantes. Estes números não representam muito: tradicionalmente, um grupo de 50 a 60 parlamentares, de todas as cores partidárias, é que decide o mais importante, antes das decisões em plenário.

O mais antigo parlamentar empossado hoje, Ulysses Guimarães, recomeça com a disposição de 40 anos atrás, quando estreou ao lado de pesos pesados como Afonso Arinos, Bilac Pinto e Tancredo Neves, já na condição de líder da oposição. Hoje sente falta desses antigos companheiros e reconhece que a Casa mudou muito de lá para cá.

“Esta Casa é uma escola política e ninguém chega aqui porque é bobo. Quem chega aqui pensando que é valentão, o bom, e que os outros são bobos, tem uma amarga decepção”, observa, recomendando: “Que tenham humildade, que saibam não só falar, mas também ouvir e que frequentem o Congresso Nacional como o operário é obrigado a frequentar a fábrica”.